

31 de Julho de 1.963 - 4a. feiraNº300A CRÔNICA DA CIDADE

Tôdas os dias as mesmas cenas se repetem.

E ninguém mais se admira e nem estranha, tão acostumado já se ficou com as mesmas cenas.

No início, porém, a gente olhava intrigado e indagava cá com os nossos botões, por que alguém não tomava alguma providência...

Mas, os dias foram se convertendo em meses e hoje, como antigamente, as cenas são as mesmas.

E ninguém mais se admira nem estranha.

E todos, todos, vão vivendo indiferentes a êsse problema sério e que, na verdade, chega até a envergonhar a nossa cidade...

Sim, vocês já imaginaram o pensamento que deve dominar a mente de um viandante menos avisado e que, passando por Jacarèzinho depare com êsse quadro triste e vergonhoso?

Mas nós, nós que estamos em Jacarèzinho, já nos acostumamos com tudo isso e não achamos mais nada de estranho naquela forma de existência.

Mas, hoje novamente nos encontramos as mesmas pessoas que diariamente compoem o mesmo quadro para oferecer sempre as mesmas cenas à nossa cidade.

O filho loirinho vinha na frente.

Trazia uma caixa de engraxate e, numa voz rouca e quase que ininteligível, perguntava a todos se quereriam engraxar...

A menina, irmãzinha menor, acompanhava-o de perto.

E rião quase sempre sem motivo, ela olhava admirada o serviço que o irmão fazia nos sapatos que porventura conseguia pegar para engraxar.

E logo atrás, a cena final.

A mãe.

A mãe do menino e da garota, carregando consigo uma cadeira, que seria certamente, para os fregueses do filho sentarem...

E o traje dos três, então, é coisa que quase nem se tem
desejo de comentar.

Sujos, e mais do que sujos, na verdade êles estavam com-
pletamente imundos.

E sempre foi assim.

E assim sempre será até o dia em que a autoridade respon-
sável por êsse estado de coisa, pegue as crianças e delas
cuiide e com a mãe, dê também o tratamento que há muito tem-
po ela já fez por merecer...